

## OS GÊNEROS “CHEGAM” À ESCOLA

### **META**

Discutir as formas com que a escola tem se apropriado do estudo dos gêneros, especialmente, na educação básica em aulas de Língua Portuguesa.

### **OBJETIVOS**

Ao final desta aula, o aluno deverá:  
identificar situações em que o estudo dos gêneros praticado na escola aproxima-se da visão funcional e interacional de linguagem ou dela se desvia.

### **PRÉ-REQUISITOS**

Haver concluído a disciplina Introdução aos Estudos Linguísticos ou disciplina equivalente.



(Fonte: <http://doralice-araujo.blog.uol.com.br>).

## INTRODUÇÃO

Caro aluno,

Nesta aula, serão apresentadas reflexões sobre estudo dos gêneros na escola, principalmente, a partir da década de 80, quando o tema ganhou importância nas discussões sobre competências comunicativas dos alunos da educação básica.

É importante que você experimente identificar situações em que esse estudo, conforme praticado em aulas de língua materna dos ensinos fundamental e médio, se aproxima da visão funcional e interacional de linguagem ou dela se desvia. Isso, certamente, irá concorrer para que você produza uma reflexão focada nas práticas docentes voltada para tal estudo.



Trabalho escolar sobre gêneros textuais. Dentre os exemplos coletados pelos alunos nós vemos receita médica, jornais, revistas em quadirnhos... (Fonte: <http://4.bp.blogspot.com>).

## OS DIFERENTES GÊNEROS

Jornais, cartas, fábulas, lendas, informes publicitários, receitas, convites, poesias, cantigas, parlendas,... . Nas últimas décadas, não tem sido novidade incluir os diferentes gêneros nas aulas de Língua Portuguesa. As equipes docentes, de diferentes níveis e segmentos, têm produzido planos de aula em que os gêneros aparecem, muitas vezes, com grande destaque.

A aula anterior nos trouxe um breve percurso do estudo dos gêneros realizado por teóricos de diversas áreas. São muitas as pesquisas ainda em andamento no espaço acadêmico. Mas, o que dizer da educação básica? Com que motivação o estudo dos gêneros, de fato, chega às escolas?

Segundo especialistas, o que tem motivado muitas equipes a adotarem a perspectiva dos gêneros como orientação metodológica é o que ficou conhecido como “fracasso escolar”. Com essa expressão, referimo-nos ao alto índice de reprovação dos alunos em seus processos de escolarização (principalmente, por conta do baixo rendimento em leitura e escrita) ou, ainda, à pouca eficiência com que estes, mesmo alfabetizados e concluintes da educação básica, se inserem nas práticas sociais mediadas pela leitura e escrita. Algumas interpretações de tais índices negativos acabaram fazendo com que o trabalho com gêneros na escola parecesse uma fórmula milagrosa para reduzir as marcas desse fracasso.

É verdade que há certo fundamento para tal associação, principalmente, quando se introduz na discussão conceitos como os de alfabetização e letramento. Mas, optar pelo trabalho com gêneros nas aulas de língua materna não tem nada de milagroso ou garantido, do ponto de vista da eficácia. Principalmente, se o estudo dos gêneros pelos alunos se resume a memorizar uma lista infindável de possíveis gêneros e as respectivas características. Tampouco funcionará se a insistência do docente numa classificação dos gêneros segundo sua estrutura formal os coloca, enquanto leitores e escritores, no mesmo padrão de comportamento passivo, com que as aulas tradicionais de ortografia, gramática e sintaxe se encarregaram de fazer.

A maior motivação para a escolha do trabalho com os gêneros, portanto, jamais poderia focalizar o fracasso, antes, deveria priorizar o êxito. O foco deveria estar, por princípio, no desenvolvimento das competências sociocomunicativas dos alunos, uma vez que o estudo dos gêneros reflete uma visão funcional e interacional da língua. Trabalhar com gêneros como se fossem “conteúdos” escolares em si mesmos é eliminar desse estudo o que ele tem de mais significativo para o aluno.

É muito diferente de se ensinar/aprender gêneros no interior das práticas de leitura e escrita. Os verdadeiros conteúdos são os chamados “comportamentos leitores e escritores”: ler para se informar, ler para ampliar o conhecimento sobre determinado assunto, e até mesmo ler como forma de entretenimento; tomar notas, elaborar resumos, comparar textos;

enfim, ler e produzir textos na escola e fora dela, com variadas finalidades. São estes os comportamentos a serem praticados na escola, servindo-se para isso de diferentes gêneros.

Outra questão relevante é: estão as equipes docentes, de fato, propondo atividades em que esses gêneros sejam trabalhados com a mesma funcionalidade com que se apresentam no cotidiano dos usuários da língua, sejam eles alunos ou professores?

Na análise dessa questão, um dado a ser considerado tem a ver com uma propriedade dos gêneros destacada por Marcuschi (2003): “os gêneros se dão materializados em linguagem e são visíveis em seus habitats”. Assim, a disponibilidade de elementos empíricos para a observação de tais gêneros, em seus ambientes de produção/recepção, se coloca como condição para um trabalho eficaz na escola.

Esta necessidade de se acessar o texto em sua materialidade tem a ver com a relação entre gênero e suporte e invalida, por exemplo, uma prática constante na escola que é a de recortar os textos e publicar seus fragmentos em livros didáticos. Assim, uma carta deve ser lida como carta, no tipo de material (papel, tinta) que dá suporte ao texto e, de preferência, no conjunto, com envelope selado e carimbado. Os sentidos do texto se redimensionam nesta relação empírica com os gêneros.

Ler uma notícia diretamente do jornal não é a mesma coisa que ler no caderno um parágrafo dela, copiado de um quadro-negro. Essa fragmentação e migração sucessivas do texto (um parágrafo copiado do jornal para o quadro, do quadro para o caderno), certamente, terá consequências em seu processo de significação. Além disso, há mais para ser lido numa notícia, por exemplo, do que, simplesmente, o conjunto de palavras que formam frases e o conjunto de frases que formam o parágrafo.

Esta reflexão voltará aprofundada nas aulas à frente, quando tratarmos da relação entre o gênero e seu suporte. Por ora, ressaltamos a importância de a escola trazer para seus espaços de leitura os gêneros exatamente como se dão no mundo real, corporificados em seu suporte específico. O que não chega a ser uma dificuldade: bulas de remédios, receitas culinárias, anúncios, capas de livros e muitos outros gêneros de diversos domínios (jornalístico, publicitário, escolar, religioso, pessoal e interpessoal, dentre outros) estão por toda parte, cercando-nos e convidando-nos a uma prática de leitura quase que ininterrupta. Por que não convidá-los também a entrar em nossas salas de aula?

Outra ausência sentida nas aulas que se propõem a trabalhar gêneros textuais é o conjunto de textos que fazem parte da modalidade oral da nossa língua. O gênero “conversação” (diálogo, colóquio, os nomes podem variar, mas aqui tratamos de todos os derivados da prática da oralidade) não tem recebido a devida atenção da escola.

Sendo, de fato, o primeiro gênero com que o falante tem contato e começa a produzir seus textos, a conversação deveria ocupar um lugar importante no trabalho com gêneros na escola. Mas, a impressão que se tem é que as aulas de Língua Portuguesa mantêm compromisso exclusivo (e excludente) com a modalidade escrita, negligenciando, com isso, o desenvolvimento das competências comunicativas ligadas à expressão oral.

**Cagliari** destaca a pouca importância que os livros didáticos, em geral, têm dado ao desenvolvimento da oralidade dos alunos. Destaca também o modo como a escola tem se empenhado em verter a língua oral em escrita, como se se tratassem de idiomas diversos.

Marcuschi deixa claro a distância relativa entre estas duas modalidades da língua: “oralidade e escrita são práticas e usos da língua com características próprias, mas não suficientemente opostas para caracterizar dois sistemas lingüísticos nem uma dicotomia”.

Assim, trabalhar o aspecto funcional e interacional da língua na escola, a partir de atividades relacionadas a gêneros textuais, não pode deixar de fora o telefonema, a cantiga de ninar, o recado, a palestra, o debate, o discurso político, o sermão religioso, a entrevista, o seminário, enfim, as inúmeras possibilidades de se aprender a ler e a produzir textos a partir de gêneros relacionados à modalidade oral da língua.

**Luiz Carlos Cagliari**

Professor de Linguística, da Universidade Estadual Paulista (Unesp) é especialista em Fonética e Fono-logia, publicou 11 livros e atua na pesquisa em sistema de escrita, prosódia, ortografia e na história da língua portuguesa.



(Fonte: <http://a1.twimg.com>).

Por ora, encerramos aqui as questões, mas a chegada dos gêneros às escolas suscita muitas outras abordagens. Algumas, no decorrer de nossas aulas, ainda serão levantadas. Outras poderão ser detectadas por você no trabalho cotidiano. As possibilidades de investigação – coleta e análise de dados – são inúmeras, basta mantermo-nos atentos à medida que vivenciamos situações em que os gêneros são trabalhados em sala de aula.



### ATIVIDADES

Pesquise em um livro didático da educação básica (ensino fundamental ou médio) uma proposta de trabalho com gêneros textuais. Comente a abordagem do tema, segundo os critérios estudados nesta aula.

### COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Nesta pesquisa, deverão ser levados em conta os seguintes aspectos da proposta de trabalho:

- a relação do gênero com seu suporte (se remete ao meio material de que foi destacado o texto);
- a funcionalidade do gênero (se são destacados o porquê e o para quê) de se escrever daquele modo;
- se são valorizados os verdadeiros conteúdos da aula: os comportamentos leitores e escritores do aluno. Se o aluno é solicitado a ler e escrever com maior competência;
- se a modalidade oral da língua portuguesa é, de algum modo, valorizada.

### CONCLUSÃO

As equipes docentes, de diferentes níveis e segmentos da educação básica, têm produzido planos de aula em que os gêneros aparecem, muitas vezes, com grande destaque. Mas essa opção não tem garantido o êxito quanto ao desenvolvimento de competências sociocomunicativas dos alunos, uma vez que velhas fórmulas de trabalho com a estrutura da língua têm sido usadas e têm reproduzido o mesmo padrão de comportamento passivo dos alunos.

Os comportamentos leitores e escritores dos alunos são os verdadeiros conteúdos nas aulas sobre gêneros textuais. E para seu desenvolvimento, as atividades deverão enfatizar a importância da relação do gênero com seu suporte; a funcionalidade do gênero; a modalidade oral da língua portuguesa, paralelamente à escrita.

## RESUMO

Nesta aula refletimos sobre a “chegada” dos gêneros aos currículos da educação básica: as motivações dessa opção e o fazer pedagógico de algumas equipes relacionado a este estudo.

Enfatizou-se a importância da relação do gênero com seu suporte; do destaque à funcionalidade do gênero; da valorização dos verdadeiros conteúdos da aula – os comportamentos leitores e escritores do aluno; bem como da valorização da modalidade oral da língua portuguesa.



## AUTOAVALIAÇÃO

Ao final desta aula,

- consigo perceber, citar e avaliar algumas formas com que a escola tem se apropriado do estudo dos gêneros, especialmente, na educação básica em aulas de Língua Portuguesa?

- ao manusear materiais didáticos do ensino fundamental e médio, sou capaz de identificar propostas de atividades em que o estudo dos gêneros praticado na escola aproxima-se da visão funcional e interacional de linguagem ou dela se desvia?

No caso de resposta negativa a, pelo menos, uma das questões acima, releia o conteúdo da aula, consulte a bibliografia sugerida ou solicite maiores informações a seu tutor.



## PRÓXIMA AULA

Na aula 03, aprofundaremos uma noção que foi introduzida nesta aula: a funcionalidade dos gêneros. Será enfatizada a importância do quem, do “por quê?” e do “para quê?” no estudo dos gêneros.



## REFERÊNCIAS

SCHNEUWLY, Bernard et al. **Gêneros Oraís e Escritos na Escola**. São Paulo: Mercado das Letras, 2004

CAGLIARI, Luís Carlos. **Alfabetização e Linguística**. São Paulo: Scipione, 1991.

LERNER, Delia. **Ler e Escrever na Escola: o Real, o Possível e o Necessário**. Porto Alegre: Artmed, 2002.